

PÁTIO URBANO

ponto incentivador de aprendizagem,
convivência e trocas culturais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CADERNO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES
Acadêmica BRUNA LOPES GELBCKE
Orientador AMÉRICO ISHIDA

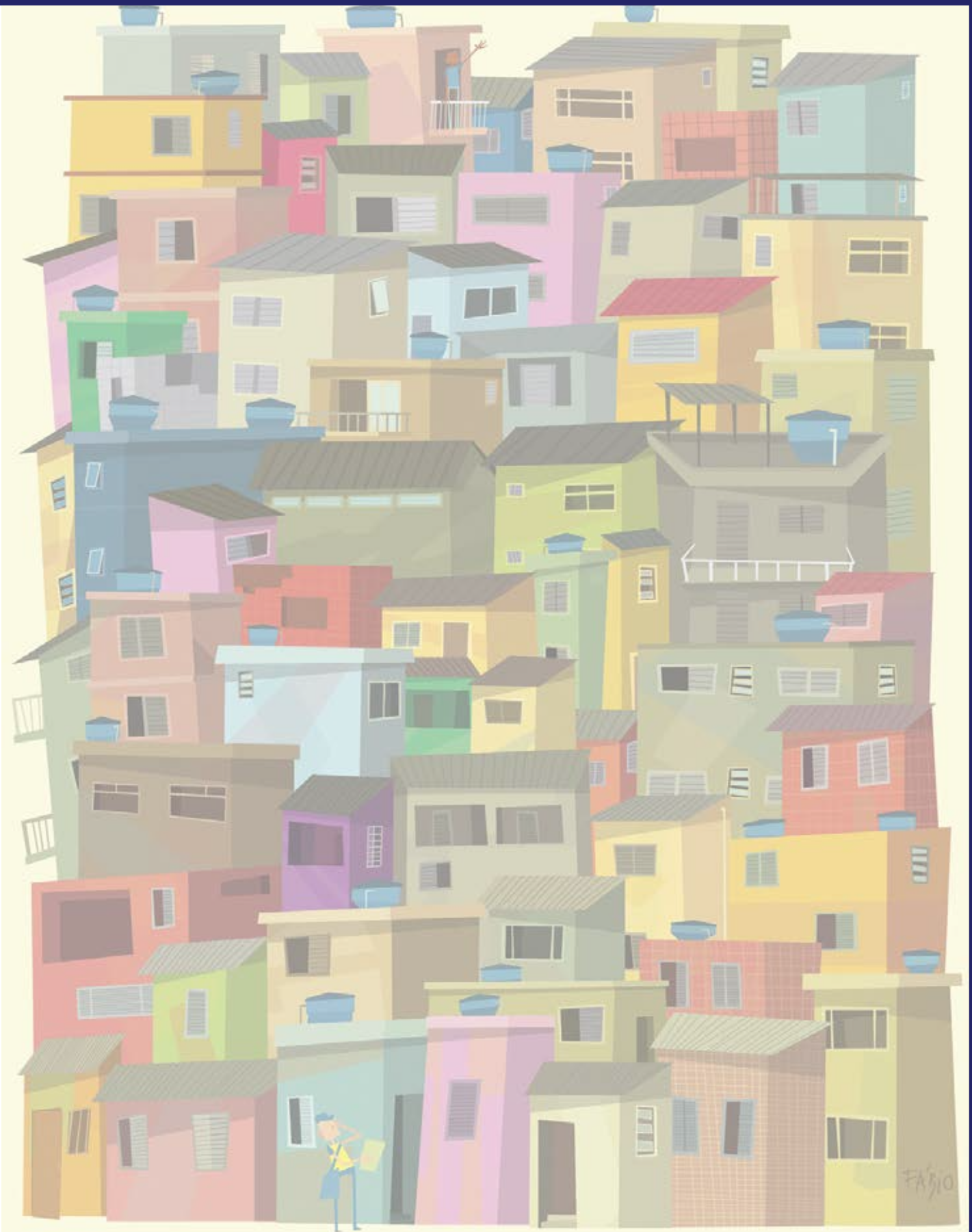
Março 2018

“Fazer com que os homens se tornem verdadeiramente humanos é, sem dúvida, o ateliê da humanidade.”

Autor desconhecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
1.1 Introdução.....	05
1.2 Justificativa.....	05
1.3 Obejtivos.....	05
2 TEMÁTICA.....	06
2.1 A adolescência e a educação.....	06
2.2 A educação e a arte.....	07
2.3 O lazer educativo.....	08
3 LOCALIZAÇÃO.....	09
3.1 Sobre o bairro.....	09
3.2 Conhecendo a comunidade.....	10
3.3 A escolha do terreno.....	14
4 CONCEITO.....	17
4.1 O que é o pátio?.....	17
4.2 Como funciona.....	18
5 BIBLIOGRAFIA.....	19



1. INTRODUÇÃO

1.1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase da vida criada na pós modernidade, compreende um período de transição entre a infância e a vida adulta, e é frequentemente mal interpretada pela sociedade. Nesse período, a liberdade e as responsabilidades surgem rapidamente, o que leva muitas vezes o jovem a envolver-se com problemas como a constituição precoce de famílias, o consumo e o tráfico de drogas, tanto por falta de orientação quanto por um desinteresse social. É também nesse período que ocorre o maior número casos de repetência e evasão escolar, visto que o jovem perde o interesse pelos conteúdos ministrados e prefere iniciar sua inserção no mercado de trabalho. Este desinteresse muitas vezes é gerado devido ao ensino enciclopedista e academista dos currículos de Ensino Médio tradicionais, que não aproximam o conteúdo da realidade dos jovens. Além disso, o formato pedagógico atual transfere de forma unilateral e massiva o conhecimento, sem incentivar a expressão e criatividade do aluno.

1.2 JUSTIFICATIVA

O jovem sente a necessidade de alinhar seu crescimento intelectual e pessoal, de opinar, de se expressar e de experimentar. A sede de conhecimento do jovem as vezes acaba por ser podada pelo ensino tradicional, sendo assim, vê-se a urgente necessidade da criação de atividades pedagógicas alternativas. Neste caso elas aparecem não como substituição dos meios tradicionais, mas sim como uma forma de complemento.

Além disso, visto que na maioria das escolas públicas o ensino não é integral, observa-se a importância de espaços acolhedores e humanitários onde o adolescente possa permanecer no período de contra turno, com atividades adequadas e orientadas para complementar a educação escolar. Destaca-se ainda que o papel de educador não é exclusivo da escola e a participação da família e da comunidade são essenciais no crescimento do adolescente, sendo assim precisa ser estimulada.

1.3 OBJETIVOS

Objetivo geral

De forma a distribuir o papel de educador entre escola, família e sociedade, a proposta busca impulsionar experiências que contribuam no processo de aprendizagem do adolescente e na formação da cidadania. A inserção deste equipamento na cidade visa trazer uma reflexão sobre a educação dos jovens, a relação destes com o processo de aprendizagem, com as famílias e com a comunidade.

Objetivo específico

Como objetivo específico desta proposta temos a criação de um equipamento pontual que atende não só o jovem mas toda a comunidade e que estimula a imaginação de forma a ampliar as possibilidades. Pretende-se tornar este período de passagem para a vida adulta mais harmônico através de atividades desenvolvidas no local que encorajem o jovem a conhecer o mundo, a criar, e a tornar o processo de aprendizagem mais interessante. Acredita-se que apesar de pontual, o equipamento reflete não apenas no bairro, mas na cidade e que a multiplicação de equipamentos semelhantes em outros pontos da cidade seria adequada para obter-se um resultado mais amplo.

2. TEMÁTICA

2.1 A ADOLESCÊNCIA E A EDUCAÇÃO

A adolescência só passa a ser tratada como um objeto de pesquisa e reflexão na sociedade moderna, a partir do século XX, pois nas sociedades arcaicas esse período não existia, visto que a criança passava de forma abrupta para a vida adulta através de ritos de passagem. Hoje, os jovens vivem numa situação de insegurança, pois os processos “iniciáticos”, que assegurariam sua inserção na ordem social e cultural dos adultos desapareceram, fazendo com que a adolescência passe a ser um período de transição, um rito de passagem diluído em alguns anos de vida. É um período de ajustamento sexual, social, ideológico e de luta pela emancipação, uma fase de auto conhecimento e de auto afirmação.

Ao longo do processo de pesquisa definiu-se o adolescente como público alvo deste equipamento, após identificar que o adolescente encontra-se de certa forma abandonado. Primeiramente, abandonado pelas famílias, pois a partir do momento em que ele conquista certa independência e liberdade, surge junto uma diminuição da atenção dos pais. Os jovens em geral passam cada vez menos tempo com a família, recebem pouca orientação dos pais e estão mais propensos a se envolver com problemas como a gravidez precoce e o consumo e tráfico de drogas. A falta de atenção e também de carinho dos pais faz com que o adolescente busque outras referências. Quando filho mais velho, representa um papel influente na vida dos irmãos mais novos, a partir do momento em que torna-se responsável pela guarda deles enquanto os pais estão ocupados.

Em segundo lugar, um abandono social, pois se comparado às crianças, os adolescentes são menos contemplados por programas de assistência social e de educação. Um exemplo disso é o CCFV (Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos), instituição pública mantida em conjunto pela secretaria de educação e pela secretaria de assistência social, que trabalha com crianças de até 12 anos em situações vulneráveis, no período de contra turno. Outro programa de contra turno, este de cunho federal, é o Programa Mais Educação, que atende crianças de 8 à 15 anos com dificuldade de aprendizado ou em família em situação de vulnerabilidade social. Desta forma, podemos perceber que os adolescentes não possuem o apoio necessário para superar suas dificuldades e persistirem na vida acadêmica.

No entanto, se a noção de juventude possui o advento da instituição escolar como ponto de partida, hoje ela se encontra ampliada, pois muitos daqueles que são jovens não, necessariamente, estão na escola. Principalmente em classes menos favorecidas economicamente, é comum a necessidade do jovem em ajudar financeiramente a família, sendo recorrente a evasão escolar e em contrapartida a entrada do jovem no mercado de trabalho. Mas este não é o único e nem o principal motivo que leva o jovem a abandonar os estudos. O currículo do ensino médio não desperta o interesse dos alunos, ao abordar temas distantes de sua realidade e a não oferecer espaço para o desenvolvimento crítico dos alunos, muitas vezes não alcançando as expectativas dos alunos. Além disso, a dificuldade de aprendizado e a relação complicada com os professores desestimula o aluno a persistir nos estudos. Isso, somado a liberdade de escolha dada à alguns jovens faz com que alguns adolescentes optem por deixar os estudos.

«A porcentagem de jovens que não estuda nem trabalha é maior que a de jovens que

2. TEMÁTICA

trabalham e por isso abandonaram os estudos.»

(Pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento + Fundação Victor Cirita, 2013)

Outro ponto que provoca o aumento da evasão escolar é a constituição de famílias.

"Constituir família é um fator mais importante para as meninas. A formação de um núcleo familiar não está necessariamente, associada ao fato da gravidez: são 247mil jovens fora da escola que constituíram família e 200mil que engravidaram." (Pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento + Fundação Victor Cirita, 2013)

Dessa forma, o público alvo do projeto é o adolescente (entre 12 e 18 anos), que engloba basicamente a segunda parte do ensino fundamental e o ensino médio, ainda que alguns destes jovens já tenha abandonado a escola. No entanto, o equipamento proposto não se restringe ao uso dos jovens, pois visa servir a toda a comunidade, oferecendo atividades e espaços de convivência e sociabilidade para todos.

2.2 A EDUCAÇÃO E A ARTE

A ideia do projeto é criar um espaço de educação e aprendizado para comunidades de baixa renda, com foco em atividades artísticas para jovens. Tais atividades tendem a melhorar o desempenho escolar, estimular os alunos no processo de aprendizagem e modificar a visão do aluno em relação ao ato de estudar. A intenção é que estas atividades sirvam como complemento ao ensino escolar tradicional, possibilitando um ensino integral para todos e um maior crescimento pessoal e intelectual dos alunos. Além disso, as atividades artísticas estimulam a capacidade crítica, a segurança e a auto-realização dos alunos.

O interesse em trabalhar com o tema educação surgiu por acreditar que a educação é a base que move o pensamento e os hábitos da sociedade, e que a partir dela podemos fazer transformações importantes. Em segundo lugar, a arte, pela experiência pessoal que tive com ela ao longo da minha formação e pelo anseio de proporcionar o acesso à arte e à cultura nas comunidades de baixa renda. Ainda sobre a educação artística, por acreditar na capacidade da arte como ferramenta transformadora do aprendizado.

«A arte envolve e aperfeiçoa todos os aspectos do ser humano, como o psicomotor, cognitivo, psicológico, afetivo, social, assim como, desenvolve as múltiplas linguagens, capacidade de se expressar oralmente, de construir e reconstruir. Ela possui, portanto, o objetivo de possibilitar ao homem a aquisição da sua cidadania, dando sentido e emoção ao seu cotidiano e a entender sua realidade em todas as suas complexidades.» (SOUZA, 2010)

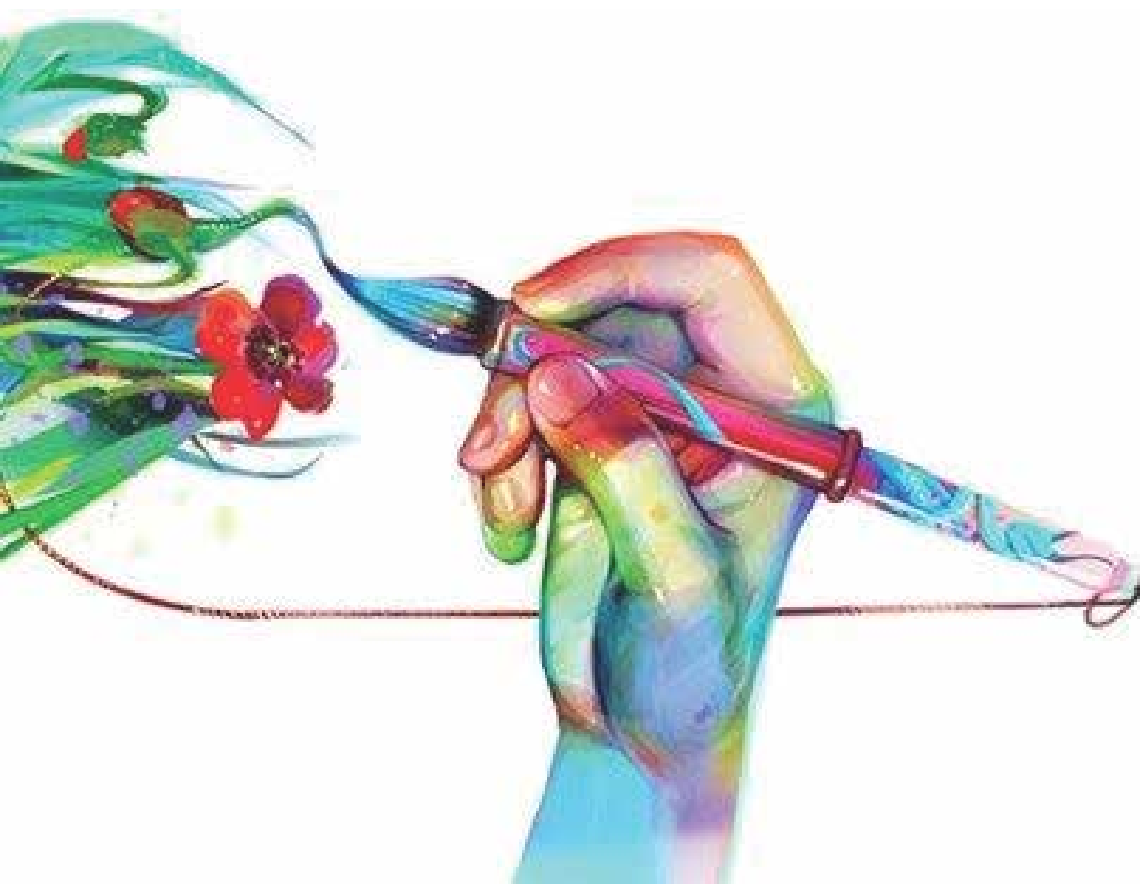
2. TEMÁTICA

2.3 O LAZER EDUCATIVO

O lazer é uma área que vem crescendo, uma ideia advinda dos fins do século XIX e início do XX, quando momentos de trabalho e de tempo livre puderam ser aliados e este começou a ser visto como necessidade humana. Diferente do ócio, o lazer agrega valores, estimula a qualidade na produção, o rendimento e é proporcionado pelo tempo livre. Ainda que a qualidade de vida, preocupação que surgiu após a segunda guerra, venha ganhando espaço, a sociedade capitalista visa a produtividade, onde o lucro e o consumo são estimulados, deixando o lazer em segundo plano. Para que isso seja evitado é fundamental que as políticas culturais urbanas facilitem o acesso ao lazer para pessoas de diferentes poderes econômicos e em diferentes pontos da cidade.

«O povo tem necessidade não só de pão, mas também de rosas.» (MARX, Karl)

A descentralização dos equipamentos de lazer cria proximidade e facilidade para as camadas menos favorecidas da sociedade, impulsiona o lazer de bairro e a convivência da comunidade. O senso de comunidade proporcionado por centros comunitários/culturais menores fortalece os vínculos entre as pessoas do bairro. A partir desses espaços e dessas atividades é possível desenvolver uma sociedade educativa, de forma a não deixar o papel de educador apenas para a escola. Além disso, um espaço inter geracional provoca maior participação dos pais, podendo oferecer atividades que contemplem a família, dessa forma fazendo com que o lazer deixe de ser visto como uma realização pessoal. O aumento da relação entre os alunos e familiares e a comunidade ajuda a minimizar o envolvimento dos jovens com o consumo e tráfico de drogas e com a violência de forma geral.



3. LOCALIZAÇÃO

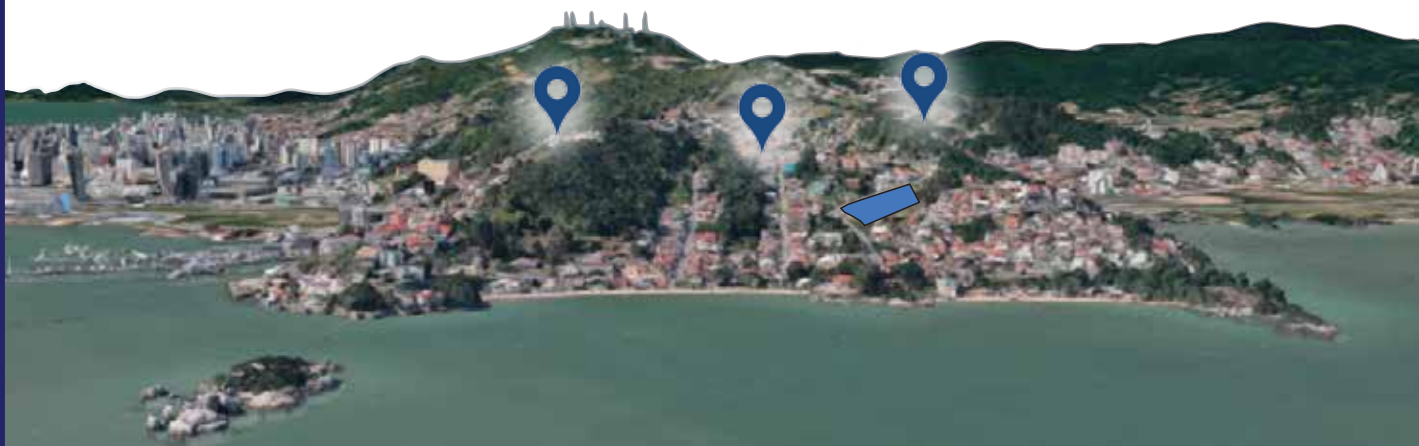
3.1 SOBRE O BAIRRO

O equipamento encontra-se na cidade de Florianópolis, mais especificamente no bairro José Mendes. Localizado entre a encosta sul do maciço do Morro do Cruz e a baía Sul, o bairro faz limite a Leste e a Norte com o bairro do Saco dos Limões, e a Oeste com os bairros da Prainha e do Centro. Entre o mar e o morro, o bairro predominantemente residencial possui uma paisagem exuberante e uma atmosfera calma, já que a maior parte da população sai do bairro no período comercial. A praia não permite o banho de mar e tem grandes trechos fechados por lotes privados, mas a paisagem ainda é apreciada por todos.



O local carece de infra estrutura, sendo esta parcialmente compensada pela proximidade com o centro da cidade. Os moradores sentem falta de comércios básicos, como padarias, farmácias, mercadinhos e também de áreas de lazer, que atualmente são inexistentes no bairro. As residências de padrão médio/alto do pé do morro misturam-se à área de ZEIS, conforme sobe o morro. No topo do morro, encontram-se conjuntos habitacionais e as comunidades do Morro da Queimada e Jagatá, que ligam-se por ruelas estreitas à outras comunidades do Maciço do Morro da Cruz, tais como Morro do Mocotó e Caieira do Saco dos Limões (indicadas na figura abaixo).

O Morro da Queimada foi ocupado inicialmente por populações pré coloniais, as quais deixaram suas marcas na forma de dois samabaquis. Depois passou a ser ocupado por açorianos, a partir de 1748. O patrimônio arquitetônico do período colonial encontra-se hoje parcialmente preservado. O Morro do Mocotó também está entre as primeiras áreas de ocupação da cidade. Com a construção da Ponte Hercílio Luz, na década de 20, o bairro de pescadores e lavadeiras sofreu um adensamento populacional, devido aos operários que vieram para a cidade. Atualmente, as comunidade incluem-se em um dos bolsões de pobreza existentes em Florianópolis.



Terreno do projeto indicado em azul e localização das três comunidades atendidas

3. LOCALIZAÇÃO

3.2 CONHECENDO A COMUNIDADE

Além da vivência do bairro através de visitas ao local, viu-se a necessidade de conhecer melhor a comunidade. A estratégia adotada, então, foi a visita à três escolas da rede estadual mais próximas a área de estudo. Dessa forma, além de conhecer as instituições, foi possível questionar os estudantes, conhecendo a comunidade pela perspectiva do público alvo. A pesquisa proporcionou um melhor conhecimento do perfil dos alunos e dos interesses da comunidade e assim auxiliou nas diretrizes projetuais e na elaboração do programa.

As escolas selecionadas foram E.E.B. Júlio da Costa Neves, E.E.B. Getúlio Vargas e EE.E.B. Jurema Cavallazzi, apresentadas nas imagens ao lado respectivamente. Apesar de ambas pertencerem ao sistema estadual de ensino, é notável a diferença entre elas, não apenas espacialmente, mas na metodologia e na organização. As escolas possuem padrões e regras diferentes umas das outras, muito disso por influência da equipe de gestão. Um exemplo disso é que em duas escolas é permitido que os alunos permaneçam nas dependências da escola no período de contraturno, ainda que não se tenham espaços adequados para isso, enquanto na terceira escola os alunos não podem ficar antes ou após seu período de aula.

A distribuição das salas de aula também funciona de forma diferente. Enquanto na escola Getúlio Vargas se tem uma sala por turma, de forma convencional, nas outras duas escolas as salas são distribuídas por matéria. Assim, os alunos trocam de sala nos intervalos e as salas ganham um ar temático, com cartazes coloridos e trabalhos séries diferentes.

Além disso, só algumas das escolas são atendidas por programas do governo federal, como o Ensino Médio Inovador e o Programa Mais Educação. Ambos trazem para os alunos atividades para o período de contraturno, contando com acompanhamento pedagógico, atividades artísticas e reforço escolar. No entanto, no primeiro caso, o programa atende todos os alunos do ensino médio, enquanto que o outro trabalha apenas com algumas crianças (8-15 anos), com reprovação, dificuldade de aprendizado ou em família em situação de vulnerabilidade (selecionadas pelo CRAS).



3. LOCALIZAÇÃO

As turmas que foram submetidas aos questionários foram do 6º e 8º ano do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio. A partir das perguntas realizadas, procurou-se saber um pouco sobre a relação entre os adolescentes e a família, sobre atividades extra classe e atividades de lazer, sobre a relação destes com o espaço escolar e com o desempenho acadêmico, sobre gostos, cultura e sonhos. As respostas foram analisadas e foi possível identificar alguns temas, que estão desenvolvidos abaixo.

Relação com os pais

Segundo a pesquisa, podemos ver que a atenção dos pais diminui conforme a idade das crianças aumenta. Uma das perguntas que deixa isso claro é em relação ao auxílio nos deveres de casa. Quando perguntado sobre as atividades realizadas em família, alguns responderam não existir nenhuma, sendo que essa parcela correspondeu até 30% dos alunos em algumas turmas. Isso mostra como as relações com a família são cada vez menos valorizadas. Já entre os que costumam fazer alguma atividade em família, o cinema e o futebol foram as atividades mais citadas. Passeios e idas a restaurantes também foram considerados. A praia foi raramente citada como um lazer realizado com a família, o que chamou atenção para a falta de contato com o mar. Além disso, muitos tiveram dificuldade para responder a profissão dos pais, o que mostra que o dia-a-dia dos pais não é compartilhado com os filhos. Outra questão que relaciona a integração entre pais e filhos é a viagem. A maioria dos alunos, em todas as escolas já viajou dentro do país por turismo ou visita a familiares. Todas as escolas apresentaram casos de alunos que nunca viajaram, e um número menor de alunos que já viajaram para o exterior.

Lazer

Ao serem questionados sobre as atividades de lazer, um número considerável citou o celular. Além disso, jogos eletrônicos e redes sociais foram sempre lembrados. Entre os alunos mais novos, poucos usaram a palavra «brincar», ainda que alguns tenham declarado que praticam atividades como soltar pipa e jogar bola na rua. Dormir, ou apenas ficar em casa também foram termos bastante usados para descreverem o que fazem no tempo livre. Poucos falaram do cinema e da praia, sendo estes considerados como eventos específicos. A presença do futebol como lazer teve importância, tanto para meninos quanto para meninas, além de outros esportes como o basquete e o skate. Ir ao shopping, sair com amigos ou namorar foram atividades mencionadas principalmente pelos alunos mais velhos. Ficar com a família, visitar parentes, cuidar de primos ou irmãos mais novos também foram atividades apresentadas. Dança e música também foram incluídas, ainda que em menor número. Por fim, atividades de leitura foram citadas em todas as faixas etárias.

Atividades extra classe

A prática de atividades extras variou bastante de acordo com cada escola. Na Escola Getúlio Vargas notou-se que a maioria dos alunos não pratica nenhuma atividade, sendo que entre as atividades praticadas, 50% são gratuitas. Na escola Jurema Cavallazzi, uma parcela razoável dos alunos pratica alguma atividade, e estas são na maioria gratuitas. Já na escola Júlio da Costa Neves, a maioria dos alunos pratica alguma atividade. O número de alunos que praticam alguma atividade decresce de

3. LOCALIZAÇÃO

acordo com a idade, sendo que entre os alunos do terceiro a prática de atividades extras é consideravelmente menor que nos anos do fundamental. Entre as atividades praticadas, os esportes comuns foram os mais citados, com destaque para o futebol. Além disso, incluiu-se atividades de dança, lutas (jiu-jitsu e judô), música e teatro. Ainda foram citados cursos de línguas estrangeiras, de informática e cursos profissionalizantes.

O interesse dos alunos em atividades extras foi bastante surpreendente, representando a maioria dos alunos em todas as salas. Entre as atividades sugeridas há um destaque para os esportes, principalmente o futebol, e para a música (desde aulas de violão, piano e canto). Além disso, foram bastante citadas atividades como dança, teatro, artes em geral e lutas. Há também um número considerável de alunos que sugeriram aulas de informática. Um número menor pediu por aulas de reforço e apoio ao vestibular, assim como aulas de língua estrangeira. A falta de aulas de informática e de mais opções de línguas estrangeiras apresentada pelas escolas chama atenção dos alunos. Ainda que praticamente metade dos alunos se queixe da estrutura do espaço escolar, muitos reclamam também da falta de atividades extra classes, de passeios e de amigos.

Desenvolvimento escolar

As salas de aula chegam a apresentar até 6 anos de diferença entre os alunos, devido ao atraso escolar. Isto resulta em alunos com diferentes graus de maturidade e diferentes objetivos, o que dificulta o desenvolvimento da classe como um todo. Alguns reclamaram da falta de interesse dos colegas em sala e da falta de respeito principalmente nos anos finais. Muitos assumem não estudar em casa, e entre os que estudam, geralmente os estudos se resumem apenas ao tempo necessário para a realização dos deveres. Apesar disso, os alunos do ensino médio queixaram-se da falta de aulas de reforço e de preparação para o vestibular/enem.

Carências da escola

Além do desrespeito e do desinteresse citados por vários alunos como grandes problemas da escola, muitos alunos também abordaram problemas referentes tanto ao espaço físico da escola quanto a questões didáticas e pedagógicas. Em relação ao espaço físico, pede-se por espaços sociais mais adequados e convidativos. A quadra coberta solicitada pelos alunos da Escola Jurema Cavallazzi, a falta de espaços de convivência e de árvores na Escola Júlio da Costa Neves, são alguns exemplos. Em relação a atividades extras, os alunos apontam a falta que faz para eles atividades esportivas e artísticas (diversas atividades foram citadas), projetos anteriores que funcionaram e atividades mais interessantes e interativas. Por fim, um número considerável de alunos disse sentir falta de amigos ou de espaços de convivência adequados.

Religião

Viu-se que a frequência em instituições religiosas é inversamente proporcional a idade. Outro ponto notado foi a maior assiduidade dos alunos da Escola Júlio da Costa Neves em instituições religiosas, que variam entre católicos, evangélicos, protestantes, adventistas e umbandistas. Alguns afirmaram que as igrejas possuem atividades direcionadas aos jovens, até mesmo aulas de violão e canto, por exemplo.

3. LOCALIZAÇÃO

Trabalho

Os alunos do ensino fundamental não trabalham, exceções raras de trabalhos informais sem tempo definido. Diferente do esperado, boa parte dos alunos do terceiro não trabalham, entre os que estudam no período diurno. Nos casos que os alunos afirmam trabalhar, os turnos são de apenas meio período e tem seu salário usado para fins pessoais. Já os alunos que estudam no período noturno, trabalham em período integral, na sua maioria, e contribuem para a renda da família. Os alunos do período noturno, portanto, apresentam maior dificuldade para envolverem-se em atividades extracurriculares ou períodos mais extensos de aulas.

A partir desse estudo, percebeu-se que na maioria dos casos, a família está pouco presente na vida do adolescente. Assim, mostra como é válida a criação de um espaço que trabalhe de forma intergeracional, sem isolar o jovem do mundo. Além disso, o estudo colaborou com o desenvolvimento de diretrizes de projeto que criassem um ambiente com uma atmosfera acolhedora e atraente a juventude. Por fim, o interesse demonstrado pelos alunos por atividades extras, tanto pela atual participação quanto pelas sugestões, auxiliou na criação de um programa que motive os adolescentes a frequentar o local.



Terreno do projeto indicado em azul e localização das três escolas que participaram da pesquisa

3. LOCALIZAÇÃO

3.3 A ESCOLHA DO TERRENO

O bairro a ser trabalhado foi escolhido de acordo com três condicionantes: a busca por uma comunidade que atendesse o perfil do público alvo, a disponibilidade de terrenos e a localização na parte insular de Florianópolis.

Um primeiro olhar voltou-se ao aterro da baía sul, primeiramente porque este é rodeado por comunidades de baixa renda e apresenta problemas constantes ligados ao tráfico de drogas e a violência. No entanto, ao longo do processo de pesquisa e visitas na região, decidiu-se implantar o projeto na porção norte da área em estudo, pela proximidade com as comunidades mais carentes da região: Morro da Queimada, Morro do Mocotó e Caieira do Saco dos Limões. Além disso, a preferência por não implantar o equipamento na porção do aterro, mas sim no morro, foi pela intenção de aproximá-lo da população e trabalhar dentro da escala do bairro.

O terreno (imagem abaixo), encontra-se na Rua Professor Aníbal Nunes Pires, a principal rua dentre as que sobem o morro. Onde está localizada a Escola Jurema Cavallazzi e por onde passa a linha de ônibus que leva ao Morro da Queimada, a rua possui calçadas estreitas e forte inclinação. O terreno escolhido apresenta 37 metros de desnível entre uma ponta e outra, o que representa uma declividade aproximada de 25 a 30%. O terreno a ser trabalhado é uma junção de três lotes, resultando em uma área de 6200m². Para a implantação será necessária a relocação de apenas uma residência (que aparece na imagem abaixo), pois os outros dois lotes, apesar de privados, estão desocupados.



3. LOCALIZAÇÃO

Análise do entorno

A análise consiste no levantamento dos principais equipamentos de educação, saúde, assistência social, cultura, esporte e lazer, considerando um raio de abrangência de 1,5km a partir do terreno escolhido. Ela contribuiu para afirmar as vantagens a importância da implantação de um equipamento desta natureza dentro desse recorte urbano. Através da análise, percebe-se que o entorno possui vários equipamentos educacionais, o que demonstra a presença de um grande número de crianças e adolescentes na região. Além disso, mostra que área possui poucas áreas verdes de lazer e equipamentos culturais públicos que tenham participação ativa no cotidiano da população.

Instituto Estadual de Educação

SESC prainha

Faculdade Senac

Centro Sul

Passarela Nego Quirido

E.E.B Celso Ramos

Creche do Duduco

ACAM

Centro de Saúde Prainha

Creche Morro do Mocotó

Creche Sta Terezinha

CRAS

Creche Morro da Queimada

TERRENO ESCOLHIDO

E.E.B. Jurema Cavallazzi

Praça Abdon Batista

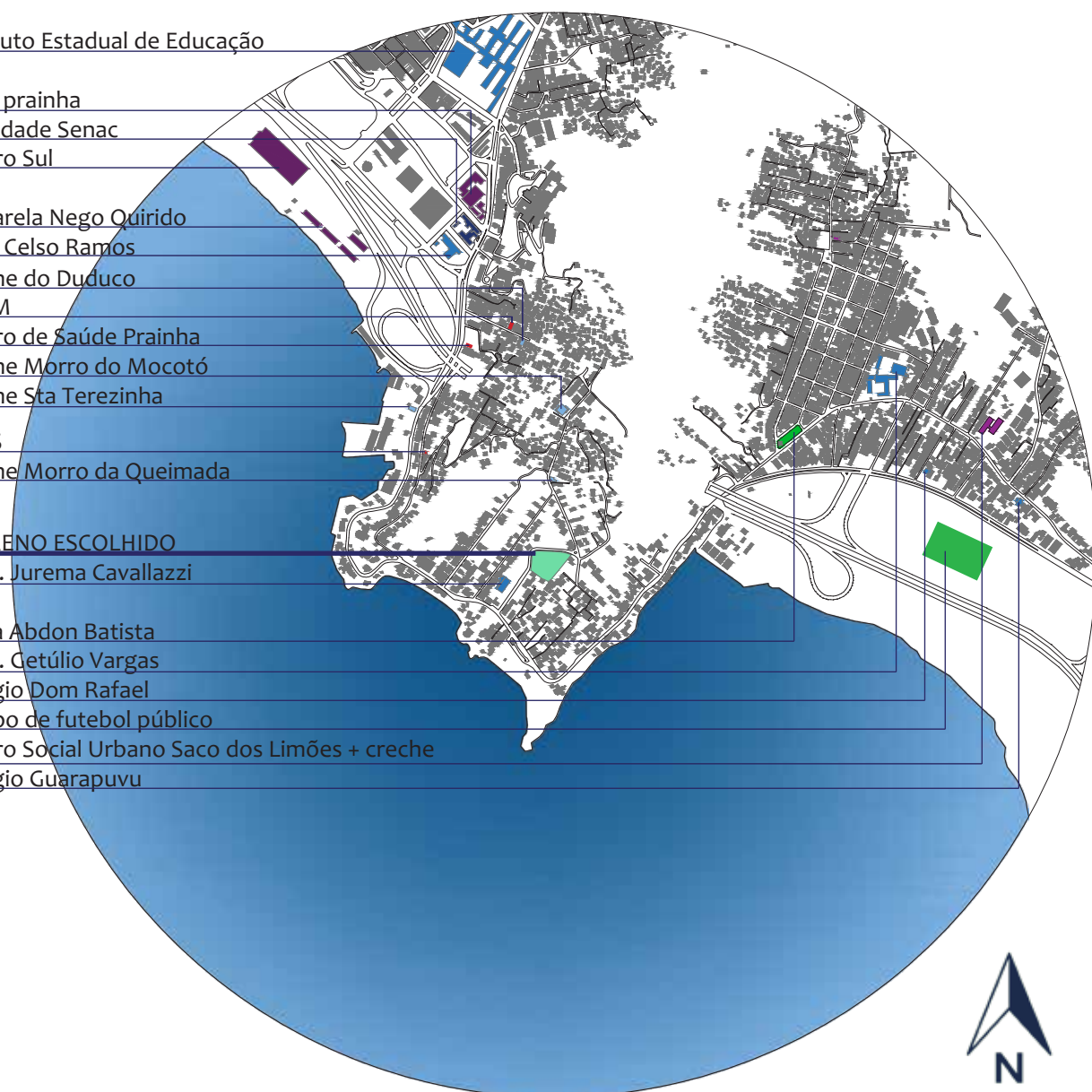
E.E.B. Getúlio Vargas

Colégio Dom Rafael

Campo de futebol público

Centro Social Urbano Saco dos Limões + creche

Colégio Guarapuvu



3. LOCALIZAÇÃO

Plano diretor

O terreno está classificado como área residencial predominante (ARP 2.5), portanto seu uso deverá ser alterado para área comunitária institucional (ACI), para adequar-se aos usos propostos. Ele encontra-se ao lado de um área de zeis, outro ponto favorável para a implantação do projeto neste local.



Tabela 2 - Limites de ocupação para ARP2.5 - PMF 2014

Nº pav	2	C.A.(máx)	1
T.O. (máx)	50%	C.A.+sub	0,5
T.I. (máx)	70%	C.A total	1,5
H fachada	8-11m	A (mín)	360m ²
C.A (mín)	0,2	Test (mín)	12m
C.A (bás)	1	Test/Comp	0,3

Tabela 2 - Adequação de usos- PMF 2014

USOS	ARP	ACI
EDUCAÇÃO		
Atividades de apoio à educação	P	A
Outras atividades educacionais	A-11-pp	A
ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO		
Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares	P	A
Criação artística	A-11-pp	A
Gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas	P	A
atividades de biblioteca e arquivos		
Atividades de museus e de exploração , restauração artística e conservação de lugares e prédios históricos e atrações similares	P	A
Atividades de jardins botânicos, zoológicos, parques nacionais, reservas ecológicas e áreas de proteção	P	A
Atividades de exploração e jogos de azar	P	P
Gestão de instalação de esportes	P	A-1
Clubes sociais, esportivos e similares	P	A-1
Atividades de condicionamento físico	P	P
Atividades esportivas não especificadas anteriormente	P	P
Parques de diversão temáticos	P	A-1
Discotecagem, danceterias, salões de dança e similares	P	P
Exploração de boliches	P	P
Exploração de jogos de sinuca, bilhar e similares	P	P
Exploração de jogos eletrônicos e recreativos	P	P
Outras atividades de recreação e lazer não especificado anteriormente	P	A-1

4. CONCEITO

4.1 POR QUÊ PÁTIO URBANO?

Com o crescimento desordenado das cidades, principalmente nas áreas periféricas onde as casas amontoam-se umas sobre as outras e onde não há uma definição precisa de lotes, a ausência de quintal tornou-se cada vez mais frequente e as lajes começaram a se configurar como área de lazer. As ruas perigosas e cada vez mais movimentadas também contribuem com a falta de espaço para brincar e o pátio residencial tornou-se uma realidade distante da arquitetura das favelas.

Já o pátio escolar, apesar de possuir um papel importante no âmbito pedagógico, social, ambiental, motor e recreativo, vem sofrendo certa desvalorização devido a super racionalização do ensino. O pátio, que se configura na escola como o local do encontro, da liberdade e das trocas, e que contribui para o conforto, para as atividades ao ar livre e para as mudanças periódicas de ambiente e de rotina é fundamental no processo de aprendizagem dos alunos. O pátio escolar não deveria ser tratado como oposição da sala de aula, e sim como extensão, pois promove às crianças o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelo ritmo e desejo das crianças. Atividades realizadas no pátio podem incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza. No entanto, em grande parte das escolas públicas convencionais o espaço do pátio é tratado como o «espaço que sobrou», e por vezes é até inexistente.

Algumas experiências que reconhecem a relevância do pátio escolar são as escolas praças, idealizadas em São Paulo nos anos 50, e os CEU's (Centros Educacionais Unificados), projetados e construídos também em São Paulo, no início dos anos 2000. O interesse das crianças pelos espaços públicos do CEU e forte apropriação pela comunidade mostram a importância destes equipamentos e ajudam na segurança e na manutenção destes. Os CEU's revelam também que através de equipamentos que aliam educação e comunidade podemos fazer com que a cidade faça parte do processo educativo dos alunos, criando assim uma comunidade de aprendizagem.

«Será possível pensarmos o pátio escolar não como lugar exclusivo de recreação, mas como locus da ação educativa, lugar de produção de conhecimentos? Não apenas como tempo-espaço de exceção/intervalo/pausa, mas também como essência do processo educativo e do currículo? Poderíamos pensar o pátio escolar como espaço também urbano, pertencente ao sistema de espaços livres da cidade? Seria possível considerar o sistema de espaços livres como parte do sistema educativo escolar e urbano?» (FARIA, ANA BEATRIZ GOULART. 2010)

A partir dessa reflexão surge então a intenção de criar um lugar que represente o mesmo que o pátio representa para a casa ou para a escola, mas que seja então um pátio para a cidade, um PÁTIO URBANO. Se tratando de um pátio, temos quatro premissas básicas: integração entre ambiente físico e práticas educacionais (espaço pedagógico), relação com a comunidade (espaço social e cultural), observação dos preceitos de sustentabilidade (espaço ecológico), garantia de acesso e utilização por todos (espaço inclusivo).

4. CONCEITO

4.2 COMO FUNCIONA?

O espaço funcionará possibilitando diversas atividades, ainda que elas só ocorram de acordo com a administração e gestão do espaço. Um dos usos sugeridos para o espaço é que ele sirva de apoio a programas públicos de educação, como o programa Mais Educação, que hoje ocorre dentro do espaço escolar, mas é limitado à apenas algumas instituições e tem o número de vagas bastante reduzido. Outros projetos sociais, como atividades produzidas pela ACAM (Associação de Amigos da Casa da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó), podem acontecer no Pátio Urbano.

O equipamento pode oferecer também projetos de vivências vinculados às escolas, viabilizando que os alunos exerçam determinada atividade por um período curto de tempo. A intenção da vivência é de gerar conhecimento de atividades diferentes das oferecidas pela escola e despertar o gosto e o interesse dos alunos, deixando a continuidade da atividade como algo opcional.

Além disso, o espaço do Pátio Urbano tem a intenção de oferecer atividades esporádicas, sejam elas com fins culturais (cinema aberto, apresentações artísticas, exposições, festivais gastronômicos, festas regionais) ou profissionalizantes (cursos e palestras com foco no desenvolvimento profissional dos jovens).

Ainda, o espaço abre as portas a comunidade em geral, oferecendo aulas diversas (esportes, artes marciais, dança, música, teatro, artes plásticas, línguas estrangeiras) gratuitas ou a baixo custo para a comunidade em geral. Por fim, o espaço configura-se como área de lazer, sendo ponto de encontro e de socialização dos moradores do bairro.



5. BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

PORCHER, Louis. Educação artística – luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982

CASTELLS, Eduardo. Traços e Palavras – sobre o processo projetual em arquitetura. Ed UFSC, 2012.

TORRES, Haroldo da Gama. FRANÇA, Danilo. TEIXEIRA, Jaqueline. CAMELO, Rafael. FUSARO, Edgard. O que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola. CEBRAP, 2013.

WERNECK, Evelyn Furquim. Espaço e teatro – do edifício teatral a cidade como palco. Ed 7 Letras, 2008.

MACEDO, Priscila de Jesus Viana. RODRIGUES, Elessandra Rosínea Fernandes. A arte no desenvolvimento social de crianças de baixa renda do ensino fundamental. 2013

DOIN, German. A educação Proibida. Filme, 2012

LEMOS, Elaine Melo de Brito Costa. DANTAS, Eduardo Ribeiro. CHAO, Cheng Hsin Nery . De portas abertas para o lazer: a cultura lúdica nas comunidades de Bairro. Campina Grande: EDUEPB, 2009

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielse. RHEINGANTZ, Paulo Afonso. TÃNGARI, Vera Regina. O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres. Uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011.

MEIRA, Mônica Birchler Vanzella Meira. Sobre estruturas etárias e ritos de passagem. São Paulo: PUC, 2009.

DUMAZEDIER, Joffre. Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo: SESC, 1980.